

Canto popular e decolonialidade: voz, território e pertencimento no ensino universitário latinoamericano

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Pesquisas sobre o ensino e a prática do canto no Brasil

Livia Oliveira Itaborahy
Universidade Federal de Minas Gerais
liviamusicaitaborahy@gmail.com

Resumo: Este trabalho explora a intersecção entre canto popular latino-americano, decolonialidade, território e pertencimento no contexto do ensino universitário no Brasil. A pesquisa aborda a necessidade de uma escuta decolonial e a reorganização dos parâmetros de ensino de música, com foco na materialidade da voz e nas práticas musicais populares latino-americanas. Além disso, retoma a importância de subverter processos sociais de opressão, destacando como a linguagem pode tanto perpetuar quanto desafiar normas e estruturas de poder. Utilizando o pensamento crítico decolonial, busca-se analisar a matriz de poder contida na tradição do ensino musical e explicitar a reprodução sistemática de discursos que perpetuam uma visão eurocêntrica do ensino e performance do canto. Os resultados esperados incluem uma análise crítica das práticas atuais de ensino de canto e propostas para a incorporação de abordagens decoloniais no currículo universitário.

Palavras-chave: Canto popular, Decolonialidade, Educação musical, Território, Pertencimento.

Popular Singing and Decoloniality: Voice, Territory, and Belonging in Latin American University Education

This study explores the intersection of Latin American popular singing, decoloniality, territory, and belonging within the context of university education in Brazil. The research addresses the need for a decolonial listening approach and the reorganization of music education parameters, focusing on the materiality of the voice and Latin American popular music practices. Additionally, it emphasizes the importance of subverting social oppression processes, highlighting how language can both perpetuate and challenge norms and power structures. Utilizing decolonial critical thinking, the study seeks to analyze the power matrix inherent in the musical education tradition and elucidate the systematic reproduction of discourses that perpetuate a Eurocentric view of singing education and performance. The expected outcomes include a critical analysis of current singing teaching practices and proposals for incorporating decolonial approaches into the university curriculum.

Keywords: Popular singing, Decoloniality, Music education, Territory, Belonging.

Como essas linhas são feitas e decididas?

Parafrazeando Walter Mignolo¹, o fato de os europeus terem sistematizado e formalizado o canto erudito não significa que tenham inventado O Canto. O canto existe em todas as culturas e lugares onde os diferentes povos se desenvolveram, resultando em inúmeras formas de expressão vocal que refletem seus diversos modos de vida. Há, portanto, uma diversidade vocal que abrange todo o patrimônio da humanidade, incorporando experiências relacionadas à vida, às águas, à terra, ao fogo, ao ar e à existência humana.

A investigação sobre as dinâmicas entre a materialidade da voz no canto, sentimento de pertencimento e território na formação da identidade de cantores populares latino-americanos se insere em um contexto marcado por heranças coloniais e dinâmicas de poder persistentes. Apesar do crescente desenvolvimento desse tipo de pesquisa, a relação entre materialidade da voz cantada, território e pertencimento ainda é pouco abordada, especialmente nos cursos de graduação do Brasil e na América Latina.

Grada Kilomba (KILOMBA, 2024) nos alerta sobre a repetição histórica ligada a processos de violência e nos desafia a perguntar em qual sociedade queremos viver. A filósofa e artista enfatiza a importância de aprender a escutar em vez de silenciar e de falar em vez de ser silenciado. Esse desafio ressoa fortemente no campo da educação musical, onde um dos grandes exercícios decoloniais é não apenas opor-se às estruturas estabelecidas, mas reinventá-las. O centro é transformado através da periferia, e todo o processo intelectual e artístico produzido na periferia questiona o centro, transformando-o.

Neste artigo, apresento as bases iniciais dos estudos que venho desenvolvendo, com o objetivo de identificar e analisar as interações entre o ensino do canto e a noção de pertencimento entre cantores populares no Brasil e América Latina. Além disso, busco explorar como as práticas vocais e a identidade desses cantores são moldadas pelas interações entre corpo, voz e território. A vocalidade (NOGUEIRA, 2014), compreendida como um ato incorporado e um processo construtivo, emerge como um meio poderoso de resistência e

¹ Walter Mignolo é um teórico e acadêmico argentino, conhecido por seu trabalho na teoria decolonial. Seus estudos focam em questões de colonialidade, epistemologia e crítica à modernidade eurocêntrica. A frase original que inspirou a paráfrase é: "O fato de os gregos terem inventado o pensamento filosófico não quer dizer que tenham inventado O Pensamento. O pensamento está em todos os lugares onde os diferentes povos e suas culturas se desenvolveram e, assim, são múltiplas as epistemes com seus muitos mundos de vida. Há, assim, uma diversidade epistêmica que comporta todo o patrimônio da humanidade acerca da vida, das águas, da terra, do fogo, do ar, dos homens."

transformação cultural, constituindo uma expressão íntima e política que estabelece conexões profundas entre os cantores, suas histórias, territórios e comunidades.

Esta pesquisa também discute como as violências epistêmicas e a falta de validação dentro das instituições públicas brasileiras e latino-americanas de ensino do canto lidam com a materialidade vocal nesses espaços. Além disso, investiga como a escuta de diferentes vozes, cantos e saberes ainda está calcificada e colonizada dentro do sistema educacional.

Adicionalmente, é importante refletir sobre o conceito de território², onde as relações de “progresso” e “desenvolvimento” exigem que algumas partes permaneçam subdesenvolvidas para que o restante funcione, controlando os processos de consumo e mantendo a exploração. Segundo Safatle, estamos vivenciando várias crises interconectadas (ecológica, demográfica, política, econômica, social e psíquica) relacionadas ao colapso de uma certa ideia de progresso e desenvolvimento (SAFATLE, 2024). Segundo Katherine Meizel em *Multivocality: Singing on the Borders of Identity*, passamos também por uma crise da voz. Portanto, como sugerido por pensadores decoloniais, é necessária uma autocrítica desse processo (MEIZEL, 2020).

Voz e pertencimento, violências silenciadas no cantar

Nesta seção, discutiremos como a voz atua como um elemento central na construção de identidade e pertencimento entre os cantores populares latino-americanos. Segundo Travassos (2008), a voz é um objeto fugidio que tem sido estudado de formas diversas ao longo dos anos, especialmente no que se refere à voz cantada. Contudo, esses estudos e sua aplicação têm sido marcados por formas extremas de colonialidade do saber, que refletem a perspectiva etnocêntrica predominante no mundo pós-colonial. Esse enquadramento tem sido evidenciado em alguns estudos musicais desenvolvidos nos âmbitos acadêmicos ocidentais nas últimas décadas³.

Para além da proposta de análise apresentada inicialmente, a presente pesquisa surge a partir da reflexão sobre minha própria trajetória como cantora, iniciada na infância e estendida à formação profissional e acadêmica. Essa reflexão evidencia a necessidade de considerar o impacto das experiências pessoais na formação identitária dos cantores. Aos 18 anos, já possuía uma trajetória de quatro anos cantando em bares e espaços públicos,

² [...] o território e a territorialidade devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que são também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes/sujeitos envolvidos (HAESBAERT, 1995, p. 171).

³ Shifres e Gonnet (2015); Anastácio (2021); Queiroz (2017).

executando repertórios de música brasileira e regional. Nesse período, fui premiada em festivais da canção de diferentes cidades do país.

Buscando validar minha prática e adquirir ferramentas para ingressar no curso de música universitário, entrei em um conservatório público através de um teste de seleção para estudar canto. No entanto, na primeira aula, fui informada pela professora de que minha voz não era adequada para o canto erudito e que estávamos “perdendo tempo”, tanto o dela quanto o meu. Essa avaliação desconsiderou toda minha experiência e formas de expressão previamente desenvolvidas. Tanto o conservatório quanto a universidade ofereciam exclusivamente cursos de canto erudito, exigindo uma completa adequação das técnicas vocais e do repertório para se alinhar às práticas da ópera e da música de concerto. Por fim desisti do curso de canto e me formei em licenciatura musical escolar, apesar de seguir minha carreira como cantora. Este episódio levanta questões críticas sobre a perpetuação de um projeto colonial no ensino de canto/música no Brasil.

No livro "Pensando a música a partir da América Latina" (2016), o musicólogo e historiador chileno Juan Pablo González destaca, já nas primeiras páginas, a extraordinária variedade de músicas populares como um dos principais aportes culturais da América Latina. Ele aborda, principalmente, as músicas desenvolvidas em centros urbanos submetidas a processos de modernização. González enfatiza a importância da reflexão sobre a análise de músicas populares que não estão fixadas no papel (partituras), mas sim em gravações, onde se constituem como objetos estéticos. Essas músicas são formadas por um conjunto de textos literários, musicais, sonoros, performativos, visuais e discursivos (GONZÁLEZ, 2016 p.12).

Ao longo das etapas produtivas da canção e nos diversos espaços sociais de consumo, esses textos adquirem forma e significado. Sob essa perspectiva, a canção popular se revela como um processo aberto, em vez de um produto fixo em partituras. Dessa forma, na música popular, aspectos como vocalidades – voz em performance (ZUMTHOR, 1997) – e a corporeidade da voz (CAVARERO, 2011) ganham relevância nos estudos voltados à compreensão do gesto vocal de cantores latino-americanos.

Consequentemente, a estratégia decolonial deveria ser capaz de superar a camada mais superficial da questão dos repertórios para adentrar em questões do saber (epistemológicas) e do ser (ontológicas) musicais. Para isso, propomos ouvir atentamente expressões musicais sobreviventes, indo além dos repertórios, além do evidente que as estratégias de colonialidade destacam, para repensar uma epistemologia musical que sirva de base para uma educação que possa superar as lógicas impostas pelos modelos

pedagógicos atuais dominantes (herdeiros do modelo jesuíta e do modelo conservatório). (tradução nossa, SHIFRES; GONNET, 2015, p. 51-67).⁴

Corroborando a perspectiva de Zumthor (2005), a gestualidade oral é vista não apenas como uma expressão de identidade musical, mas, mais significativamente, como um reflexo das particularidades e diferenças que fazem uma tradição musical se destacar. Ela carrega consigo memórias, tradições e ensinamentos culturais, e através de instrumentos como o canto, expressa essas nuances exclusivas. Como destacado por Luiz Tatit (2002), cantar se manifesta como uma gestualidade oral, onde a maneira de expressar tem um peso tão relevante quanto a própria mensagem. Embora os estudos em música popular tenham evoluído ao longo das décadas, a análise profunda da performance vocal na canção popular permanece limitada. Juan Pablo González (2013) sugere que precisamos avançar na forma como percebemos e interpretamos o texto musical a partir da audição e consumo.

Tanto no campo do ensino do canto como na performance, a ideia de uma técnica vocal que sistematizou a apreensão de conhecimentos e seus desdobramentos sobre potência, beleza e capacidade dramática, balizou as relações do cantor com sua própria voz⁵. O aprimoramento artístico (seja ele no canto, composição ou performance) contribui de forma a vertebrar o modo que estamos neste mundo, como nos identificamos, os ideais que perseguimos e as escalas com que valorizamos tanto o que nos rodeia, como a nós mesmos (SHIFRES Y GONNET, 2015). Dessa maneira, identificamos que os estudos da voz cantada são organizados e validados por apenas uma tradição musical com características estabelecidas, segundo o pensamento moderno/eurocêntrico, orientado por uma construção ideológica que reflete as lógicas civilizatórias coloniais, mantendo hierarquias de saberes e reforçando as relações assimétricas entre Norte e Sul (ANASTÁCIO, 2021).

A intersecção entre a educação musical latino-americana e os estudos decoloniais apresenta uma oportunidade poderosa para reformular currículos, métodos de ensino e filosofias educacionais, desmantelando as heranças coloniais que ainda persistem (González, 2019). A força da colonialidade na educação musical é evidente na naturalização da música

⁴ "Por consiguiente la estrategia decolonial debería ser capaz de superar la capa más superficial del asunto de los repertorios para adentrarse en cuestiones del saber (epistemológicas) y del ser (ontológicas) musical. Para ello proponemos escuchar atentamente expresiones musicales supervivientes yendo más allá de los repertorios, más allá de lo evidente que las estrategias de colonialidad destacan, para repensar una epistemología musical que sirva de base a una educación que pueda superar las lógicas impuestas por los modelos pedagógicos actuales dominantes (herederos del modelo jesuíta y del modelo conservatorio)" (SHIFRES; GONNET, 2015, p. 51-67).

⁵ Machado (2007) traz o bel canto (técnica virtuosística caracterizada pela passage homogênea de um sub registro a outro, pela agilidade nas ornamentações e fraseado. Termo de origem italiana referente à arte e à técnica do canto que se firmou na segunda metade do século XVI) como a principal "herança" do canto lírico para realização vocal.

erudita como núcleo essencial dos cursos de graduação em música. Um estudo de Larsen, de Sousa e Ramirez (2020) revela que nenhuma das 23 universidades analisadas na América Latina e Caribe utiliza o termo "música erudita" em sua nomenclatura, indicando uma aceitação tácita desse tipo de música como fundamental ou exclusivo no ensino superior de música. O trabalho de Ricardo Queiroz e Vanildo Marinho (2023) já aponta caminhos para a análise dos cursos de graduação em música popular no Brasil, destacando suas características, potencialidades e problemas. Os resultados mostram avanços na diversificação dos cursos, mas ainda evidenciam a persistência de traços coloniais nos currículos.

A expansão dos saberes musicais e a legitimação de práticas musicais antes excluídas pela academia são cruciais nesse contexto. A inclusão de tradições musicais indígenas e afro-latino-americanas pode enriquecer a educação musical, desafiando hierarquias que privilegiam a música europeia clássica (MALDONADO-TORRES, 2007). As práticas musicais não devem ser definidas exclusivamente pela notação musical tradicional, que seleciona aspectos específicos como altura e ritmo, ignorando outros atributos musicais significativos (SHIFRES E GONNET, 2015).

Além disso, a restituição do vínculo entre a experiência musical e a natureza, desde o corpo até o meio ambiente, pode gerar uma nova retroalimentação musical que rompe com a exclusividade do cenário de concerto. A música deve ser um meio para nos ouvir no mundo ao nosso redor, não apenas para uma audiência (SHIFRES E GONNET, 2015). A reconstrução da coletividade na música enfatiza que o canto e a música são patrimônios de todos, não privilégios de poucos, e devem ser experiências coletivas e inclusivas.

É necessário valorizar as experiências musicais íntimas e as abordagens multimodais que envolvem o corpo, o movimento e todos os sentidos. A ruptura com a díade mestre-discípulo e a adoção de uma experiência de conhecimento co-construída pode transformar o ensino da música em um processo inclusivo e participativo (SHIFRES E GONNET, 2015).

Em minha dissertação sobre o gesto vocal latino-americano de Mercedes Sosa⁶, explorei como a análise da voz incorporada num corpo e território pode ser politicamente potente para transformações. Ao estudar as performances e escolhas interpretativas, percebi que a música pode formar identidades coletivas e resistir à opressão. Essa abordagem revela o poder transformador da voz e do corpo na música, contribuindo para mudanças sociais e culturais profundas.

⁶ Itaborahy, Livia. O gesto vocal latino-americano na performance de Mercedes Sosa na década de 1960. Dissertação em processo de publicação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Crise e Necessidade de Revisão dos Caminhos Neoliberais e reorganização do pensamento e da gramática

Nesta seção, discutiremos a necessidade de reorganizar o pensamento e a gramática para questionar as estruturas de poder e silenciamento. A sociedade contemporânea enfrenta uma crise epistêmica, onde as matrizes de saber mostram seus limites e silenciamentos⁷. Isso exige uma revisão das formas de pensar e das estruturas do pensamento.

Safatle argumenta que nem todas as sociedades conhecem o trabalho como o entendemos hoje. Ele distingue entre atividade humana e trabalho, afirmando que nossa sociedade transforma toda atividade humana em uma figura do trabalho, amplificando a lógica econômica para todas as relações sociais. O empreendedorismo, por sua vez, reduz todas as relações humanas a competição e concorrência, criando violência social. As empresas funcionam dentro dessa lógica, sem se preocupar com impactos a longo prazo. O discurso ecológico torna-se apenas mais um valor dentro desse processo, sustentando o insustentável.

No mercado neoliberal, “encontrar a própria voz” significa seguir um curso que exige desenvolvimento contínuo e autorregulação (MEIZEL, 2020, p.27). A subjetividade neoliberal demanda autoaperfeiçoamento constante para maximizar o valor pessoal, visto que o sujeito neoliberal é considerado um empreendedor de si mesmo. Essas análises são fundamentais para os estudos e a performance da música popular latino-americana porque revelam como as práticas vocais neoliberais estão profundamente enraizadas em contextos históricos e sociais específicos que marginalizam vozes e modos de cantar. A imposição de padrões ocidentais/europeus de "saúde vocal" e "autenticidade" pode obscurecer as práticas vocais e estéticas próprias da música popular latino-americana, desvalorizando sua rica diversidade cultural e histórica. Isso é especialmente problemático, pois desconsidera as especificidades culturais e históricas que compõem a identidade musical latino-americana.

A reconfiguração gramatical implica desconfiar até da gramática que organiza os problemas, questionando a sintaxe do pensamento e o sentido das palavras (SAFATLE, 2024). Esse questionamento é necessário para criar uma nova lógica de pensamento que vá além dos modelos neoliberais atuais, promovendo uma visão mais inclusiva e diversificada do saber e da prática musical.

⁷ #nãoficção (2024, junho 14). Empreendedorismo e trabalho são as novas religiões: uma conversa entre Vladimir Safatle e Atila Iamarino 2024 [Vídeo]. YouTube.
<https://www.youtube.com/watch?v=eAWbwMV9LmM&t=1523s>

Façamos o seguinte exercício de palavras e pensamento: consideremos o caso de uma orquestra que se distingue por sua qualidade musical, pelo talento excepcional de seus músicos e pela habilidade de capturar a atenção e o afeto do público. Essa excelência não apenas eleva o status da orquestra, mas também atrai investimentos significativos. Patrocinadores privados, subsídios governamentais e um aumento no interesse do público podem se traduzir em maiores receitas de bilheteria e doações. No entanto, alcançar e sustentar tal excelência demanda investimentos substanciais: salários justos para os músicos, educação e treinamento de alta qualidade, aquisição e manutenção de instrumentos, produção de concertos, contratação de maestros renomados e promoção de novos talentos. Cada um desses elementos é crucial para performances que não apenas entretêm, mas que transcendem o ordinário.

Ao examinarmos detalhadamente as palavras utilizadas para descrever a excelência, como 'qualidade musical', 'talento', 'renomados' e 'alto nível', percebemos que elas, embora possam parecer neutras ou meramente descritivas, carregam um poder discursivo significativo. Esse poder reflete as dinâmicas do capitalismo, que sugerem que a chamada 'excelência' é, na verdade, fruto de investimentos, e não o contrário.

Esses termos perpetuam uma visão de mundo onde o sucesso é medido pelos padrões de investimento, retorno financeiro e vantagem competitiva, encorajando uma métrica que quantifica e compara. Esta perspectiva é reforçada pela análise de pensadores como Lélia Gonzalez, Aníbal Quijano, Rita Segato, Djamilá Ribeiro, Judith Butler, Angela Davis, Ailton Krenak, Sônia Guajajara e Ochy Curiel, que desafiam as formas tradicionais de conhecimento e poder, buscando desvelar como essas construções discursivas sustentam as desigualdades e moldam as interações sociais e culturais na modernidade.

A promoção da meritocracia sugere que o sucesso e a posição social de uma pessoa ou grupo são justamente merecidos com base em suas habilidades e esforços; no entanto, essa visão frequentemente mascara as desigualdades, sugerindo que os bem-sucedidos são intrinsecamente mais "merecedores". Tal perspectiva tende a ocultar as vantagens sistêmicas que podem ter contribuído para esses sucessos, enquanto superestima atributos individuais e minimiza a importância da colaboração e das condições coletivas que sustentam o indivíduo. Esta análise, fundamentada nas teorias de Foucault e nos estudos decoloniais, nos desafia a questionar como conceitos como excelência e qualidade, frequentemente celebrados em nossas sociedades, são construídos e como refletem e perpetuam as estruturas de poder subjacentes.

No contexto da educação musical, é importante refletir sobre como o ambiente de trabalho predatório da música de concerto afeta a formação e preparo dos indivíduos. Esse ambiente, que enclausura o corpo e tende a supervalorizar a leitura musical em detrimento do saber através de outros sentidos, muitas vezes obriga o aluno a dedicar mais horas ao estudo focado primariamente na técnica, ignorando os atributos humanizantes da música. Além disso, as mesmas pessoas que exigem que o aluno chegue mais preparado às orquestras profissionais frequentemente desqualificam o ensino das instituições públicas, que enfrentam desafios estruturais e possuem prioridades curriculares que visam abarcar não apenas a técnica, mas também o desenvolvimento humano.

A reflexão sobre o desenvolvimento dos concertos e como esses espaços são configurados para maximizar a experiência musical, sublimando tudo que é extramusical, revela uma clara intenção de isolar a música de qualquer influência visual ou corporal dos músicos. Esse fenômeno não se limita apenas aos concertos ao vivo, mas estende-se às práticas modernas de consumo musical, como ouvir discos em condições que buscam replicar essa atmosfera controlada. Essa forma é apenas uma possibilidade de escutar música, mas foi disseminada como a forma certa ou ideal de prática de escuta.

Ao considerar a educação musical que recebemos, percebemos que ela molda os músicos não apenas como artistas, mas também como produtores de uma mercadoria cultural. Este sistema enfatiza atributos como o talento individual, elevando-os à categoria de genialidade artística. Curiosamente, mesmo em conjuntos musicais onde a colaboração é essencial, a tendência é valorizar as contribuições individuais, talvez como uma extensão da mentalidade competitiva fomentada pelos nossos conservatórios.

A racionalização da música alinha-se às estruturas de poder históricas, evidenciando que essa ênfase na apreciação intelectual da música está intrinsecamente ligada às justificativas do colonialismo e da supremacia cultural. As práticas culturais não europeias foram frequentemente depreciadas por colonizadores, que impuseram suas próprias normas estéticas e intelectuais como superiores, refletindo uma visão de mundo que prioriza o racional sobre o emotivo, corporal e sensorial. Esse legado ainda influencia profundamente nossa maneira de conceber e valorizar a música hoje.

Na música e nas artes, a técnica deve ser desenvolvida para melhorar a capacidade de expressar pensamentos, sentimentos e visões de maneira eficaz e impactante. Isso implica que a expressão humana deve orientar o uso e o desenvolvimento da técnica, e não que a técnica por si só deve direcionar a expressão artística.

Reorganizar o pensamento e a gramática é, portanto, essencial para questionar as estruturas de poder e silenciamento. A reconfiguração das matrizes de saber pode levar a novas formas de pensar e ensinar música, enfatizando uma pedagogia crítica que valorize a diversidade cultural e empodere os estudantes como criadores de cultura. Esta abordagem promove uma educação musical inclusiva e relevante, alinhada com as necessidades contemporâneas de um mundo em constante transformação.

Conclusão

O presente artigo explorou a complexa interseção entre a materialidade da voz, o território e o sentimento de pertencimento entre cantores populares latino-americanos, situando-se no contexto de heranças coloniais e dinâmicas de poder persistentes. A análise revelou a importância de reconhecer a diversidade vocal como parte integral do patrimônio humano, refletindo a vasta gama de experiências culturais que moldam identidades coletivas e resistem à opressão.

Os estudos destacaram como a técnica vocal e as práticas educacionais, predominantemente eurocêntricas, perpetuam hierarquias de saber e relações assimétricas entre o Norte e o Sul. A imposição de padrões ocidentais de "saúde vocal" e "autenticidade" obscurece práticas estéticas próprias da música popular latino-americana, desvalorizando a sua rica diversidade cultural e histórica. A diversidade cultural refere-se à multiplicidade de tradições, estilos e práticas musicais que emergem das diferentes culturas latino-americanas, cada uma com suas próprias histórias, contextos sociais e influências territoriais. Essas práticas incluem, mas não se limitam a músicas indígenas, afro-latino-americanas e outras formas híbridas que resultam do encontro de várias tradições.

Essa riqueza e diversidade foram frequentemente apagadas ou não consideradas nos materiais didáticos e na configuração das técnicas utilizadas nas universidades latino-americanas, tornando difícil estabelecer um lugar válido para a música brasileira ou latino-americana no cenário do estudo do canto. Isso é fundamental para promover práticas educativas decoloniais que valorizem a escuta e a fala de todas as vozes, transformando estruturas estabelecidas. Ao considerar a complexidade, referimo-nos às múltiplas camadas de significados, técnicas e expressões que caracterizam as músicas populares dessa região. Isso inclui a maneira como os cantores integram elementos como linguagem, performance corporal, contexto histórico e social, e inovação artística em suas práticas vocais.

Através da análise da voz incorporada, como no caso de Mercedes Sosa, foi possível evidenciar o poder transformador da voz e do corpo na música, contribuindo para mudanças sociais e culturais profundas. A valorização das experiências musicais íntimas e abordagens multimodais que envolvem o corpo, movimento e todos os sentidos é crucial para humanizar o ensino da música, rompendo com a díade mestre-discípulo e adotando uma experiência de conhecimento co-construída.

Além disso, a reconfiguração das matrizes de saber é essencial para questionar as estruturas de poder e silenciamento, promovendo uma pedagogia crítica que valorize a diversidade cultural e empodere os estudantes como criadores de cultura. Essa diversidade é enriquecida pelas diferentes formas de expressão vocal e pelas variadas influências territoriais que moldam as identidades musicais. A crítica ao ambiente de trabalho predatório na música de concerto, que supervaloriza a técnica e ignora os atributos humanizantes da música, é fundamental para repensar as práticas educacionais que moldam os músicos não apenas como artistas, mas também como produtores de uma mercadoria cultural.

Por fim, a reflexão sobre a racionalização da música, que se alinha às estruturas de poder históricas, revela a necessidade de reorganizar o pensamento e a gramática para criar uma lógica de pensamento que vá além dos modelos neoliberais. Safatle argumenta que é fundamental permitir que a pergunta ressoe por mais tempo antes de se buscar respostas rápidas, pois respostas precipitadas podem impedir a profundidade necessária para encontrar soluções eficazes. A reflexão coletiva sobre os problemas possibilita à sociedade encarar as estruturas que paralisam a imaginação social e impedem soluções menos violentadoras de corpos e vozes. A partilha das colisões – desafios e conflitos – pode ser mais produtiva do que a proposição de soluções imediatas, criando uma consciência coletiva das dificuldades enfrentadas e fortalecendo a disposição para enfrentar esses problemas de maneira mais eficaz. Permitir que as pessoas exponham suas colisões sem vergonha ou medo de demonstrar fraqueza pode constituir uma verdadeira força social (SAFATLE, 2023).

Ao questionar e reconfigurar as estruturas de poder e silenciamento inerentes aos modelos pedagógicos atuais, este trabalho visa contribuir para a transformação do ensino de música, empoderando os estudantes e cantores como criadores de cultura. Além disso, promove uma educação e performances em canto que reflitam a complexidade e a pluralidade das culturas latino-americanas.

Referências

ANASTÁCIO, Luiza Gaspar. Colonialidade e tradição [manuscrito]: desvelando a matriz de poder adjacente às práticas musicais/violinísticas de concerto. 2021. 138 f., enc.; il. + DVD.

CAVARERO, Adriana. For More than One Voice: Toward a Philosophy of Vocal Expression. Stanford: Stanford University Press, 2011.

DOLAR, Mladen. A Voice and Nothing More. Cambridge: MIT Press, 2006.

GONZÁLEZ, Juan Pablo. Pensando a música a partir da América Latina. Santiago: Universidad Alberto Hurtado, 2016.

GONZÁLEZ, Juan Pablo. Pensando a música a partir da América Latina. In: Revista de Antropologia e Arte, Unicamp, 2020.

GONZÁLEZ, Juan Pablo. Revaluación crítica de la historia de la música popular urbana en América Latina. In: Revista Musical Chilena, 2019.

IAMARINO, Átila. Conversa com Vladimir Safatle - #nãoficção. [Entrevista]. YouTube, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eAWbwMV9LmM&t=1534s>. Acesso em: 1 jul. 2024.

LARSEN, Luciana; DE SOUSA, Daniel; RAMIREZ, José. Presença da colonialidade na constituição de grades curriculares dos cursos de graduação em música de instituições de ensino superior da América Latina e Caribe. In: Revista de Antropologia e Arte, Unicamp, 2020.

MACHADO, Regina: A voz na canção popular brasileira: um estudo sobre a Vanguarda Paulista . Campinas, 2007. 114f. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the Coloniality of Being. Cultural Studies, v. 21, n. 2-3, p. 240-270, 2007.

MEIZEL, Katherine. Multivocality: Singing on the borders of identity. Oxford: Oxford University Press, 2020.

NOGUEIRA, Erich Soares et al. Vocalidade em Guimarães Rosa. 2014.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. Revista da ABEM, v. 25, n. 39, 2017.

QUERINO, Arthur Ramos. Música e discurso de poder. São Paulo: Edusp, 2016.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Autêntica Editora, 2021.

SAFATLE, Vladimir. Alfabeto das colisões: Filosofia prática em modo crônico. Ubu Editora, 2023.

SHIFRES, Favio; GONNET, Daniel. Problematizando a herança colonial na Educação Musical. Epistemus - Revista de estudos em Música, Cognição e Cultura, v. 3, p. 51-67, 2015.

TATIT, Luiz. Elementos para a análise da canção popular. CASA: Cadernos de Semiótica aplicada, v. 1, n. 2, 2003.

TRAVASSOS, Elizabeth. Vozes do Brasil. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

TV CULTURA. Entrevista com Grada Kilomba - Roda Viva. [Entrevista]. YouTube, 1 abr. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=up-F2Pzf0LY>. Acesso em: 1 jul. 2024.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ZUMTHOR, Paul. Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios. Tradução Jerusa Ferreira e Sônia Queiroz. Cotia: Ateliê Editorial, 2005, 191p.